

A BELEZA DIGITAL

Eu vi a cena num sábado, na farmácia lotada, quando a manhã ainda guardava cheiro de pão quente. Três adolescentes encostadas no corredor dos hidratantes repetiam, com a gravidade de uma prova oral, o passo a passo de um vídeo: “limpa, tonifica, sela, ilumina”. Era uma coreografia ensaiada diante de um espelho que não devolve a própria imagem, mas a imagem de outra — um rosto sem poros, sem sono, sem contradições. A mãe, com pressa, perguntava do feijão; o carrinho, obediente, já tinha um sérum “para a primeira linha de expressão”. Primeira linha de expressão: a frase me parou como um semáforo vermelho. A primeira linha deveria ser de um poema no caderno, não um vinco policiado pela luz azul do celular.

Não é moda: é catecismo. O feed tem o zelo metódico dos velhos manuais: reza-se de hora em hora a novena da perfeição visível. Os mandamentos são simples — não terás sombra de olheiras diante de mim; não postarás sem filtro; amarás o teu “antes e depois” sobre todas as coisas — e, como todo mandamento que se preze, produzem culpa. Culpa vende: culpa é a melhor das promotoras de vendas, porque nunca dorme. A cada deslize do dedo, uma sugestão piedosa: “você talvez também goste de...”. Gosta, claro. Foi ensinada a gostar, adestrada a desejar.

A indústria cultural — Adorno e Horkheimer bem o sabiam — aperfeiçoou o moinho: vende-se a falta como se fosse produto, e depois vende-se o produto como se fosse libertação. “Sinta-se livre”, diz o anúncio, enquanto lhe oferece uma coleira de metas diárias: água, passos, calorias, gloss, máscara, base, protetor — a gramática íntima do controle. Foucault poderia dizer que inventamos uma biopolítica do espelho: o corpo como projeto infinito a ser administrado por dashboards de si, uma planilha afetiva de métricas que piscam: engajamento, consistência, retenção. Não há império mais dócil do que aquele em que as súditas vigiam a si mesmas.

E, no entanto, não se trata de demonizar o brincar de maquiar — há séculos a humanidade desenha rostos para dizer “estou aqui”. O problema é a idade do rito e a rigidez do ídolo. Quando o brinquedo vira expediente, e o rosto vira currículo, a infância se alinha — não ao sonho, mas à vitrine. Simone de Beauvoir lembrava que não se nasce mulher, torna-se; as redes, por sua vez, parecem apressar esse tornar-se em linha de montagem, acelerando o relógio para que o “depois” chegue antes do “agora” estar pronto. A pressa é um ácido: alisa, mas corrói.

Há também uma mitologia em curso, tão antiga quanto Narciso e tão moderna quanto o último filtro lançado. Narciso, coitado, se afogou na própria imagem; nós terceirizamos o lago para o servidor de uma big tech, e pedimos a ele que nos diga

quem somos. O algoritmo, escultor paciente, vai dando marteladas invisíveis no mármore dos rostos: lima o nariz, aparenta maçãs do rosto, alonga cílios, enxuga o mundo. A estátua, quando enfim parece pronta, é “adulto-ideal”, uma Pigmalião 5G que beija a própria criação e diz: “segue, comenta, compartilha”.

Enquanto isso, a cidade — sempre ela, desobediente — insiste em existir. A quadra da escola está ali, como um convite. O parquinho guarda promessas de joelhos ralados, dentes sujos de picolé, risadas que fazem cócegas na barriga. Mas o que é um joelho ralado diante de um feed perfeitamente curado? O riso desafina a narrativa: ninguém monetiza uma gargalhada com grão de areia. Talvez por isso a vida comum tenha se tornado uma espécie de dissidência silenciosa. Não postar já é, em certos círculos, um ato subversivo.

Mais tarde, nesse mesmo sábado, vi outra cena — uma contra-liturgia. Uma menina com um vestido amarelo, desses que esvoaçam sem pedir licença, correu atrás de uma bola que escapara da quadra. O cabelo veio no vento, o tênis gritou no asfalto, e ela pegou a bola como quem segura um planeta. Ao voltar, uma amiga a esperava com um copo de água de torneira e um sorriso que não precisou de gloss. Não houve tutorial. Houve susto, corpo, riso. Aquele riso que, se fosse fotografado, saía tremido: os melhores momentos, curiosamente, sempre desafiam o foco automático.

Não quero, com isso, posar de juiz do corredor de cosméticos. Só desejo propor um desvio, um atalho, uma pausa. Ensinar a errar o delineado pode ser mais educativo do que ensiná-lo a não falhar. Há beleza no borrado, no excesso de brilho que escapa para o canto do olho, no batom que invade o dente e provoca gargalhada. Não porque romantizemos o descuido, mas porque recuperamos a liberdade de não caber no molde. A perfeição é um contrato de adesão; a graça é uma aventura.

Talvez devêssemos reinstaurar pequenos ritos pagãos contra a severidade do feed: um campeonato de caretas na sala, uma tarde de retratos tirados com câmera antiga, sem pré-visualização nem filtro — só a surpresa do que ficou. Um laboratório de cores feito com canetinha e guache, mãos pintadas como quem sela tratados com o arco-íris. E, sobretudo, a reinstalação do tempo lento: quarenta minutos sem tela para ouvir o barulho que o silêncio faz.

Também seria bom lembrar às adultas — as reais, cansadas, com trabalho, boletos e uma vontade justa de se gostar no espelho — que o padrão que lhes vendem é uma ficção cara. O algoritmo não compra shampoo; você compra. Não aperta “finalizar pedido”; seus dedos apertam. Há liberdade nesse gesto, liberdade para dizer sim e para dizer não, para escolher a cor que não rende curtidas, mas rende humor. A beleza que dura é a que cabe no dia — aquela que permite que você corra, sue, ria, chore, e ainda assim se reconheça quando a água cai no rosto no fim do banho.

Quando saí da farmácia, as nuvens prometiam chuva. Perto dali, um grupo de meninas desenhava no chão com giz: sóis desajeitados, casinhas com fumaça azul, nomes próprios com corações. Uma delas me pediu ajuda para escrever “amizade” e perguntou se tinha “z” ou “s”. Tinha as mãos sujas de giz, o que, em muitos vídeos, seria motivo para um tutorial de “mãos impecáveis em três passos”. Escrevi devagar, soletrando alto, como quem reza ao contrário: a palavra, vista de perto, ficou torta. Rimos da torcinha do “z”. A beleza, naquele minuto, era isso: um erro que valia a pena.

Talvez o nosso pequeno trabalho de resistência seja devolver palavras à infância antes de devolver cremes à prateleira. “Expressão”, por exemplo, que deixe de ser um inimigo para voltar a ser um gesto: franzir o cenho quando se pensa, amassar os olhos quando se ri, levantar a sobrancelha quando se duvida. “Iluminar”, que largue o frasco e volte a morar no rosto quando ele encontra o sol da rua. E “selar”, que deixe de significar “vedar o poro” e volte a significar “selar um pacto”: um pacto com o próprio corpo, com seu tempo, com sua história — e com a alegria de gastar tarde em parquinhos e quadras.

Se der certo, talvez o algoritmo aprenda conosco um truque antigo: que há rostos que não cabem na tela, porque são maiores por dentro. E que, quando a menina corre atrás da bola, o mundo ganha contorno de infância — uma linha de expressão que ninguém quer apagar.